

O perceber na formação do professor de ensino básico: uma experiência artística

Vânia Warwar Archanjo Moreira¹, Elcie Ap. Fortes Salzano Masini²

1. Doutoranda do Programa em Educação, Arte e História da Cultura- Mackenzie São Paulo/SP, *vw.archanjo@bol.com.br

2. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Mackenzie São Paulo/SP

Palavras Chave: percepção, formação, arte.

Introdução

O presente relato de experiência visa apresentar um ciclo de atividades perceptivas proposto pela autora principal, docente em uma universidade particular de São Paulo, iniciado em agosto de 2015 e finalizado em novembro do mesmo ano. Desenrolado a partir das dificuldades de uma classe de 51 estudantes em fase final de conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia em interagir com seus alunos do ensino básico, estas atividades ocorreram uma vez ao mês, sempre ao final da aula, partindo dos preceitos da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty e do universo da formação docente. Indo de encontro às contribuições deste filósofo, nossa proposta esteve debruçada nos benefícios da atitude sensível na formação do professor e nas relações interpessoais estabelecidas em sala de aula e fora dela, para além do meio acadêmico formal. Para tanto, este ciclo de práticas comportou atividades de percepção a partir de algumas expressões artísticas, contemplando entre outras tarefas a do contato de olhos vendados com uma escultura humana abstrata, explorando a sensibilidade para reconhecer o tocado, e na sequência, a reprodução da mesma em argila, ainda às escuras, sob as orientações e auxílio da (o) parceira (o). Cabe frisar que as atividades, todas realizadas em duplas, estiveram respaldadas nos cinco sentidos do corpo humano, com exceção da visão já que as tarefas apresentadas consistiam em sua totalidade em permanecer de olhos vendados, permitindo aos participantes aguçarem as mais variadas vias perceptuais, algumas destas por vezes pouco potencializadas. E, ao final da execução da dinâmica pelo aluno vendado o parceiro “vidente” assumia esta posição. Merleau-Ponty (1971) e Candau (1997) foram os autores que contribuíram para a reflexão desta experiência. Explorar a percepção do aluno formando à luz de uma prática mais sensível em sua atividade no ensino básico, potencializar a formação deste futuro professor a partir de elementos perceptuais do universo da Arte e promover a percepção enquanto um componente elementar na formação do professor foram os nossos objetivos traçados, todos ao final correspondidos com êxito.

Resultados e Discussão

As atividades que compuseram o presente ciclo, de agosto a novembro de 2015, envolveram a dança associado ao sentido do paladar, a pintura atrelada à audição (música leve), a escultura ao tato e por fim, a colagem condicionada ao olfato. A cada atividade analisamos os resultados categorizando-os em “sensação destacada”, elementos advindos da fala dos referidos participantes, a saber: alegria, liberdade, nojo e bagunça. Buscamos apontar graus de dificuldade (0-5) a cada atividade, de modo a favorecer uma análise mais cuidadosa dos dados, estruturados na tabela a seguir:

Tabela. Apresentando dados – experiências artísticas

Meses	Quantidade de alunos participantes	Atividade – sentido atrelado	Dificuldade (grau), 0-5	Sensação destacada
Agosto	51	Dança-paladar	2	Alegria
Setembro	45	Pintura-audição	2	Liberdade
Outubro	49	Escultura-tato	4	Nojo
Novembro	47	Colagem - olfato	3	Bagunça

Considerando que os envolvidos estavam vendados em todas as experiências, foi notável diante dos dados que a atividade e seu respectivo sentido aguçaram sensações próximas de suas especificidades, como foi o caso da dança que evidenciou alegria, o que é uma reação adequada por representar uma expressão corporal ampla, que proporciona prazer. Ainda, entre as demais atividades percebemos que a pintura vinculada à audição destinou sensação de liberdade por ter sido realizada com uma música de sons da natureza, propiciando ao participante leveza e tranquilidade.

Conclusão

Este relato de experiência nos fez concluir a priori que vivemos em uma sociedade onde o apelo visual se faz uma constante e por isso, acabamos nos condicionando ao que vemos, tomando o enxergar como ação secundária, reduzindo este sentido a uma simplificação funcional e orgânica, acomodada. Neste limiar, notamos que o corpo quando intencionalmente explorado é uma fonte de conhecimento, de significados e que de igual modo, se faz disponível ao contato, à sensibilidade, à percepção para a descoberta do derredor, bem como à formação identitária do(s) sujeito(s) envolvido(s). Com isso, concluímos diante deste ciclo de atividades que o perceber é uma atitude, um comportamento que deveria ser desenvolvido e assumido pelo professor no decorrer da sua formação acadêmica, sendo contínua ao longo da sua carreira profissional. Desse modo, por certo a prática cotidiana docente seria um diferencial dada a sua imersão em ações mais sensíveis, cuidadosas e profundas, contrariando a herança histórica do magistério de atrelar a docência a uma rotina fria, automatizada e potencialmente reprodutora de conhecimentos mecanizados e descontextualizados.

Referências

CANDAU, Vera Maria (org). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.